

ESTUDANTES INDÍGENAS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE

OLIVEIRA, Bruna Donato¹; LOPES, Alessandro Barbosa²; ROSA, Rogério Réus Gonçalves³; ADOMILLI, Gianpaolo Knoller⁴; RIETH, Flavia Maria Silva⁵

¹ Graduanda em Antropologia/UFPEL, brunnatga@hotmail.com. ² Graduando em Antropologia/UFPEL alessandro87rs@superig.com.br. ³ Doutor em Antropologia, Dep^o de História e Antropologia – ICH/UFPEL, rogerio_ros@yahoo.com.br ⁴ Doutor em Antropologia, Universidade Federal do Rio Grande – FURG, giansatolep@gmail.com ⁵ Doutora em Antropologia, Dep^o de História e Antropologia – ICH/UFPEL, riethuf@uol.com.br

1- INTRODUÇÃO

Em 2010 é ofertado o primeiro vestibular para estudantes indígenas no sul do Rio Grande do Sul. Esta política de afirmação étnica não é novidade no estado, a mesma se apresenta em universidades como a Unijuí e a UFRGS, cada uma com peculiaridades diferenciadas sendo a UNIJUÍ uma universidade privada, os estudantes adquirem bolsa de estudos fornecida pela *Diakoniches Werk* (ONG da Igreja Evangélica Alemã), com o período de aulas diferenciado para estes estudantes. Já a UFRGS é uma instituição pública, os estudantes indígenas desta universidade recebem moradia e uma bolsa permanência, o período de aula é comum aos outros estudantes.

Na Universidade Federal do Rio Grande (FURG) foram ofertadas 5 vagas no vestibular de verão 2010, uma para cada curso, sendo estes: Ciências Biológicas (Licenciatura), Direito, Enfermagem, Letras (Português) e Medicina. Porém, só duas dessas vagas foram preenchidas, por dois indígenas da etnia Kaingang, correspondentes aos cursos de Enfermagem e Medicina.

Neste trabalho pretendemos analisar o perfil dessas políticas de afirmação aplicadas na FURG, a relação que estes estudantes têm com o meio acadêmico considerando suas dificuldades e adaptações; da mesma forma, as percepções deles sobre a cidade de Rio Grande, além disso, os objetivos ou motivações que os levaram a ingressar nesses cursos e como eles são vistos pela própria comunidade indígena por terem ingressado em um centro acadêmico.

2- METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Este trabalho etnográfico foi inicialmente desenvolvido para a disciplina Mitologia e Ritual, ministrada pelo professor Rogério Reus Gonçalves da Rosa, vinculada ao curso de Bacharelado em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Nossa pesquisa teve início em meados de maio de 2010 e devido ao nosso interesse no assunto passamos a dar continuidade as nossas pesquisas mesmo após o término da disciplina. O trabalho é de caráter participativo, fazendo uso, portanto, de observação participante, bem como, entrevistas, conversas informais (conversas essas com o casal de estudantes indígenas e com profissionais da FURG, levantamentos de relatórios, dados bibliográficos (ROSA, 2003; BREGALDA, 2010). Utilizamos também, além do diário de campo, gravadores de áudio, para que nenhum dado fosse perdido.

3- RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os Kaingang estão localizados nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Pertencem ao tronco Macro-Jê, sua população atual conta com mais de 25.000 indígenas espalhados em 32 terras indígenas e algumas cidades, esta sociedade é caracteristicamente sociocêntrica, dualista (LAC, 2005).

O contato entre os Kaingang e os colonizadores teve início ainda no século XVI quando grupos que viviam no litoral tiveram contato com os portugueses. A partir deste contato vários conflitos, predominantemente por disputas de territórios, marcam a trajetória desta etnia, conflitos que de diversas formas ainda ocorrem, como no caso da Terra Indígena (TI) de Irai, que teve a demarcação de sua terra dificultada pela Prefeitura de Irai (LAC, 2005).

Em 10 de Julho de 2009, o cacique *Perokan* e o professor Ilinir Jacinto, ambos da TI Irai visitavam a FURG. O contato entre os Kaingang e a universidade aconteceu devido as relações do professor do curso de psicologia, Alfredo Gentini havia estabelecido com os indígenas na praia do Cassino, pelo fato de no verão algumas famílias venderem artesanato neste local.

Esta visita resultou no primeiro edital do vestibular aberto com vagas específicas para estudantes indígenas, foram ofertadas 5 vagas para os cursos de Ciências Biológicas – Licenciatura, Direito, Enfermagem, Letras – Português e Medicina. Para disputar estas vagas, eram julgados aptos todos os indígenas do território nacional que já tivessem concluído o ensino médio ou que fosse concluir até a data da matrícula. O prazo para inscrições foram de 5 dias, e estas deveriam ser realizadas presencialmente na sede da COPERVE (Comissão Permanente do Vestibular) no campus Carreiros da FURG, a documentação exigida para a inscrição foi: documento de identificação do candidato com fotografia e assinatura, declaração administrativa de nascimento expedida pela FUNAI e declaração de membro da comunidade ou aldeia indígena, assinada pela liderança da comunidade indígena e homologada por membros da mesma comunidade.

Após iniciarem as aulas, havia ainda a necessidade dos estudantes, no prazo de uma semana, procurarem o colegiado de seu curso para confirmar a matrícula. Ao todo, foram inscritos 16 indígenas no processo seletivo, somente 4 foram aprovados, e destes apenas 2 efetivaram a matrícula. A prova era constituída por 15 questões de língua portuguesa e uma redação, os candidatos tiveram quatro horas para realizar a prova, que ocorreu no dia 22 de Fevereiro de 2010 e teve o resultado divulgado dia 26 de Fevereiro de 2010, bem como, seu 1º chamamento subsequente dia 02 de Março de 2010.

No dia 24 de maio de 2010 tivemos nosso primeiro contado com os dois estudantes que ingressaram na FURG, o encontro aconteceu em uma das pequenas salas da secretaria do curso de enfermagem, que está localizada no terceiro andar junto ao Hospital Universitário, onde esteve presente em toda entrevista a tutora Maria José Chaplin.

Os acadêmicos são da etnia Kaingang, Sheila (*Pafey*, na língua Kaingang) possui 24 anos e é estudante do curso de enfermagem. Sheila é natural da TI Irai. O outro estudante chama-se Manoel (*Jesi*) que possui 21 anos, cursa medicina e é da TI Nonoai. Manoel e Sheila já se conheciam antes de ingressarem na universidade, os dois estavam noivos e casaram-se pouco depois de iniciarem as aulas. Devido á presença da tutora e o fato de estarmos em um meio universitário, foi sentida uma apreensão tanto de nossa parte quanto do casal

indígena ao longo da entrevista. Por várias vezes a tutora falou por Sheila e Manoel em nossa primeira entrevista.

Pelo fato de estarem casados, a universidade locou um apartamento para o par de estudantes. Apartamento este que já se encontra com mobílias compradas pela universidade, além desse apartamento já existe outro reservado no mesmo local para os próximos estudantes indígenas que ingressarem no vestibular seguinte. Estes imóveis não são próximos ao Campus da Saúde, local onde são desenvolvidas as atividades acadêmicas, sendo necessário o uso de transporte coletivo, através de algumas das linhas de transporte da empresa Noiva do Mar. Sheila já conhecia parte da cidade de Rio Grande, pois algumas vezes junto com membros da aldeia vendeu artesanatos na praia do Cassino durante o veraneio, já Manoel não teve nenhum contato anterior com a cidade.

O casal Kaingang teve grandes dificuldades em adaptarem-se á rotina acadêmica e ao rigor quanto, por exemplo, provas, trabalhos, longo dia de estudo, horários para refeições, informática. Sheila e Manoel possuem dificuldades em acompanhar os conteúdos vistos em aula, Manoel comenta que para ele é difícil seguir o ritmo de seus colegas da medicina, porque muitos estudaram em cursos preparatórios para ingressar na FURG e possuem uma facilidade maior para compreender as matérias. Quando questionados sobre estas dificuldades Sheila completa: *“Porque é coisa que a gente nunca viu na vida e vê assim. Se depara com uma coisa que a gente fica bem dizer parado sem entender nada, isso que acontece com a matéria, mas a gente vai pouco a pouco procurar entender.”*

Sheila antes de vir para Rio Grande era aluna de um curso Técnico em Enfermagem, em Iraí. Quando questionados sobre a escolha de cursos na área da saúde Sheila argumentou o seguinte:

“Uma guria perguntou por que a gente fez faculdade de medicina e enfermagem. [...] Ai eu falei pra ela, você deixaria um monte de pessoas, quinze, dez enfermeiros ou médicos dentro de uma comunidade sua e eles tá prescrevendo remédios e remédios e tu não entender o porquê que tá sendo prescrito aquele remédio? Então, tu tem que ter algum conhecimento sobre o que tá se passando ali.”

Na aldeia, a expectativa é positiva quanto ao fato de membros da comunidade cursar o ensino superior, por ser uma demanda da comunidade, a intenção é de que, após formados, retornem para a terra indígena para exercer a profissão. E quanto ao desafio de conciliar o saber tradicional com o científico, reconhecem a resistência dos mais velhos, mas fazem idéia de como lidar com estas questões.

Nosso segundo encontro aconteceu 3 de Julho de 2010, no apartamento dos estudantes, dessa vez não houve a presença da tutora Maria José Chaplim, o que nos possibilitou uma conversa mais informal. Este encontro nos possibilitou saber mais sobre a vida pessoal e cotidiana do casal, bem como assuntos corriqueiros sobre a aldeia, como a festa do cachorro, o gosto pelo futebol e as rodas de conversa em volta do fogo de chão no inverno.

Dentre estes diálogos foi comentado sobre o sistema de metades dos Kaingang, Sheila por ter pai e mãe Kaingang carrega a metade kamé do pai, já Manoel por ter o pai Kaingang e a mãe Guarani, não herdou essa divisão, porém, pelo fato de Sheila já ser da metade kamé, um futuro filho que o casal venha a ter será conseqüentemente da metade oposta de Sheila, ou seja, kairu, pois como mulher e marido devem ser de metades diferentes, o filho herda a metade do pai,

conforme a regra da patrilinearidade.

Nesse encontro ainda, ficou evidente a saudade que o casal sente de casa. Os dois estudantes sentem falta da vida na aldeia, dos costumes, das comidas, das festas, dos amigos e seus familiares.

Sheila e Manoel possuem muita expectativa de que no ano seguinte vários de seus conhecidos Kaingang venham para Rio Grande prestar vestibular na FURG. O ingresso de novos indígenas nessa universidade seria para eles um estímulo para suportar a ausência das suas tradições e famílias, que segundo o casal, todos na aldeia são muito unidos e é esta falta de união que torna tudo mais difícil.

4- CONCLUSÕES

Como a pesquisa iniciou em meados de maio de 2010 aconteceram poucas idas a campo, desse modo, os resultados se apresentam de forma breve. Os estudantes Kaingang estão no início de suas respectivas graduações, até obterem a sua Graduação, alguns pontos discutidos neste texto podem, ou devem, apresentar transformações.

Porém, até o momento fica evidente o fato de que reserva de vagas universitárias, além de bolsa permanência, auxílio alimentação e moradia, além de acompanhamento tutorial e assistência social, não é o suficiente para que a permanência e o aproveitamento destes alunos sejam satisfatórios.

No entanto não podemos deixar de destacar o empenho da FURG e de seus profissionais em encarar este desafio. Existe uma equipe dedicada e competente dando suporte para que estes, e os alunos que futuramente ingressarem na universidade, consigam concluir as suas graduações.

O empenho destas pessoas vai além da relação direta com os estudantes, alcançando toda a comunidade acadêmica, na promoção de futuros eventos para que todos tenham a oportunidade de conhecer e ter uma relação mais próxima com as etnias as quais estes estudantes pertencem.

Os resultados da etnografia realizada pretendem contribuir de forma positiva com todas as partes envolvidas neste desafio que marca o ensino superior no sul do estado do Rio Grande do Sul.

5 REFERÊNCIAS

BREGALDA, D. **A Arte Kaingang da Produção de Objetos, Corpos e Pessoas: Imagens de Relações nas Bacias do Lago Guaíba e Rio dos Sinos**. Porto Alegre: PPGAS, 2010 (Dissertação de Mestrado).

LAC, F. **O Turismo e os Kaingang na Terra Indígena de Iraí**. Curitiba: PPGAS, 2005 (Dissertação de Mestrado).

ROSA, R. R. G. Uma ponte pêncl sobre o oceano: a contribuição do pensamento mitológico kaingang no Rio Grande do Sul. In: BERGAMASCHI, Maria Aparecida (Org.). **Povos Indígenas e Educação**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2008, p. 45-60.

ROSA, R. R. G. Lenda e Mito do Cacique Nonohay Guerra e Vingança Kaingangue no Fio do Tempo. **Povos Indígenas**. Passo Fundo: Editora Méritos, 2009. p. 137-157.

FREITAS, A. E. C., ROSA, R. R. G. **Diagnóstico do Programa de Bolsas de Manutenção Diakoniches Werk para Estudantes Indígenas da Unijuí**. Ijuí: UNIJUI, 2003.